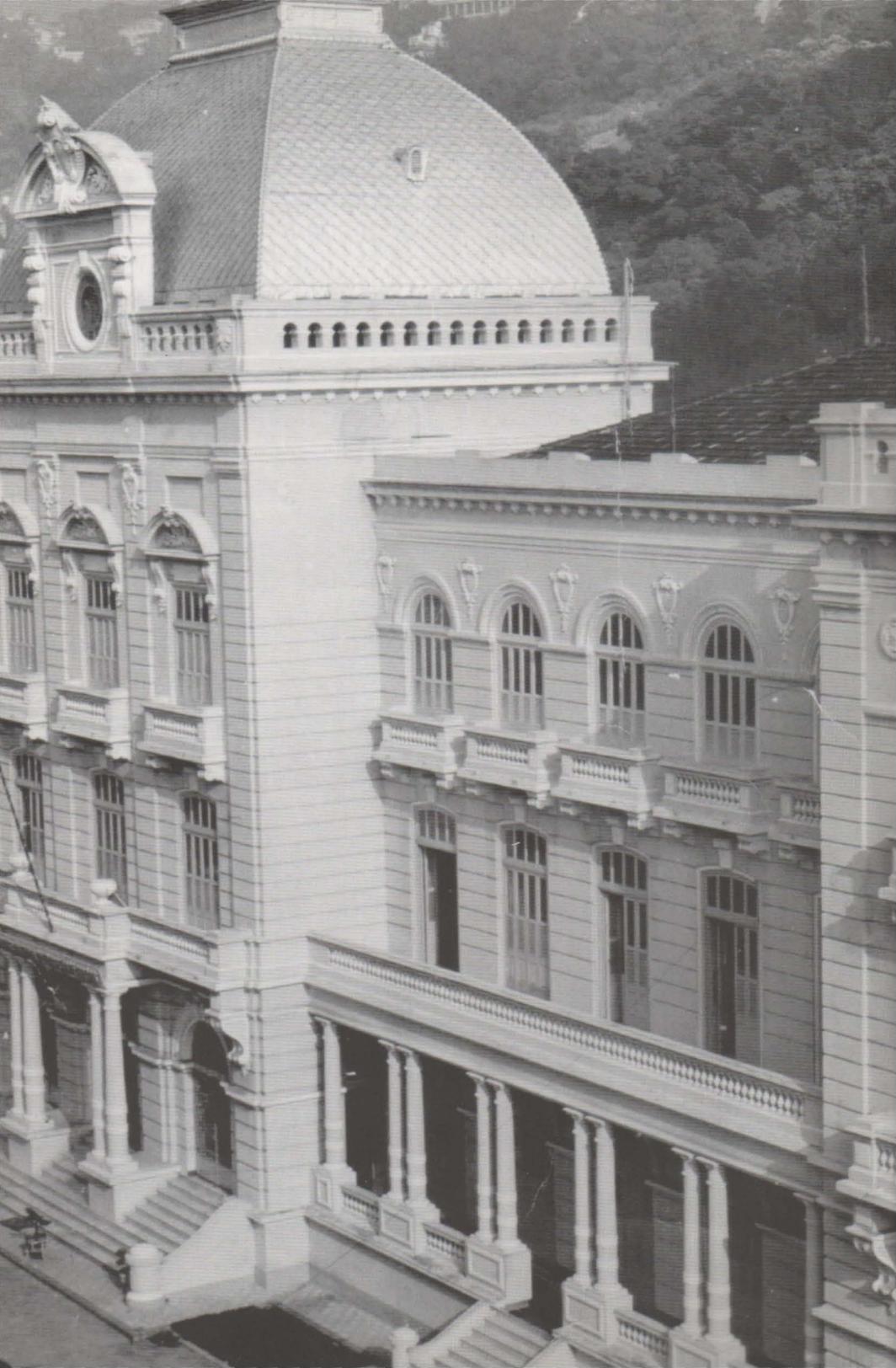


L

F O R U M

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS



F O R U M

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Comissão Editorial

Rua das Laranjeiras, nº 232/3º andar
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-001
Telefax: (0xx21) 2285-7284/2285-7597 ramal 111
E-mail: ddhct1@ines.org.br
diesp@ines.org.br

F O R U M

ISSN 1518-2509

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Tarso Genro

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
Claudia Pereira Dutra

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Stny Basilio Fernandes dos Santos

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Fátima Izilda de Moura Lopes

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Leila de Campos Dantas Maciel

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES
Rio de Janeiro – Brasil

EDITORAÇÃO
Jorday Editora e Indústria Gráfica Ltda.

IMPRESSÃO
Jorday Editora e Indústria Gráfica Ltda.

TIRAGEM
4.000 exemplares

COMISSÃO EDITORIAL/EXECUTIVA
Alexandre Guedes Pereira Xavier
Marcelo Machado Costa Lima
Marilda Pereira de Oliveira
Mônica Azevedo de Carvalho Campello

Forum
vol.11, (jan/jun) Rio de Janeiro
INES, 2005

Semestral
ISSN 1518-2509
1 – Forum – Instituto Nacional de Educação de Surdos

Índice

Editorial _____	5
Estimulação precoce ou intervenção precoce? _____	7
<i>Palestra proferida em 24/03/2005</i>	
Maria Cristina da Silva Simonek	
A Importância da linguagem corporal expressiva da LIBRAS _____	14
<i>Palestra proferida em 06/04/2005</i>	
Marco Antônio Arriens	
Peculiaridades do desenvolvimento cognitivo da criança surda _____	27
<i>Palestra proferida em 18/05/2005</i>	
Anangélica Moraes Gomes	

OBS: Tendo em vista que o texto-síntese relativo ao tema **“O que é TDA? Intervenções na sala de aula e orientação a pais”**, apresentado por **Rita Thompson e Milton Genes** em 22 de junho do corrente ano, não nos foi disponibilizado pelos referidos autores para integrar o presente exemplar, informamos que o mesmo deverá constar de nossa próxima edição da revista FORUM.

Editorial

Nesta edição, a revista FORUM tratará de temas relacionados com a linguagem, tanto na sua forma oral-corporal, quanto em sua interferência na construção da personalidade e suas peculiaridades no desenvolvimento do surdo.

Em relação à estimulação precoce, será possível perceber que sensações são processadas desde a vida intra-uterina e aprendizados começam desde o momento do nascimento. Será ainda destacada a importância da expressividade da linguagem do corpo na LIBRAS.

Sobre o desenvolvimento cognitivo da criança surda, discutir-se-á o atraso na aquisição de sua linguagem e o relacionamento dessa linguagem com a constituição psicológica do indivíduo.

Esperamos contribuir com mais este número da revista FORUM, de forma interessante e instigante, visando sempre à evolução do processo educacional do surdo e sua qualidade de vida.

Cataryna Alvez Badaue

Estimulação ou Intervenção Precoce? Abordagem Centrada na Família

Fga. Dra. Cristina Simonek*

Introdução

A comunicação é parte da existência humana, de tudo o que somos e fazemos. É influenciada por nossa personalidade, experiências, sentimentos e pelas relações e reações das outras pessoas. Muitas sensações são vivenciadas, ainda intra-útero, mas é a partir do nascimento que podemos acompanhar o aprendizado de uma criança.

Os primeiros quatro ou cinco anos de vida são os anos de maior aprendizagem! São anos **imitativos**, de formação de hábitos e **de desenvolvimento da linguagem**. Tudo que é feito com a criança e para a criança contribui para a formação do seu caráter, sua personalidade, seus sentimentos, suas atitudes em relação ao mundo em que vive e sua habilidade para se comunicar.

Portanto, é importante lembrar que as crianças ouvintes ou surdas **não adquirem comunicação efetiva num consultório**. Elas desenvolvem a habilidade de se comunicar interagindo com o mundo. É por meio da brincadeira que a criança estimula sua imaginação, tem oportunidades de conhecer a si própria, de compreender as relações entre as pessoas e de entender a funcionalidade e importância dos objetos, desenvolvendo, dessa forma, a linguagem.

Será que os pais têm a noção da importância da brincadeira no desenvolvimento de seus filhos? Ou será a brincadeira apenas uma forma de manter as crianças entretidas e, conseqüentemente, a tranquilidade dos adultos?

Sabemos que a audição é um canal sensorial de extrema importância para o desenvolvimento da linguagem, pois é por meio dela que a criança **organiza o pensamento**, compreendendo-a e interiorizando-a para, depois disso, iniciar o processo de comunicação verbal. Entretanto, estatísticas demonstram que 2,5 em cada mil crianças nascem com deficiência auditiva. (Comitê Brasileiro sobre Perdas Auditivas na Infância, 1999) e portanto terão problemas em sua aquisição.

Segundo o último Censo Demográfico realizado no Brasil, em 2000, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existem 5.735.099 (cinco milhões e setecentos e trinta e cinco mil e noventa e nove) surdos. Destes, 468.759 (quatrocentos e sessenta e oito mil e setecentos e cinqüenta e nove) estão no Estado do Rio de Janeiro. Levando-se em conta o crescimento anual da população, teríamos a cada ano no Brasil aproximadamente 93.295 (noventa e três mil e duzentos e noventa e cinco) crianças que nascem com surdez! (1:1000)

.....
* Doutorado em Fonoaudiologia – Universidade Del Museo Argentino, UMSA, Argentina.
Fonoaudióloga do Instituto Nacional de Surdos – INES
E-mail: surdez@surdez.com.br

Para agravar a situação, a maior parte só é diagnosticada em torno dos dois anos de idade, dificultando o desenvolvimento da linguagem (CBPAI, 99).

O início da audição acontece a partir do 5º mês de gestação e se aprimora mais intensamente nos primeiros meses de vida, até sua total maturação no sistema nervoso central por volta dos 14 anos de idade. Após o nascimento, a criança reage de forma comportamental a estímulos sonoros, mas já distingue traços supra segmentares da fala e até o timbre vocal de sua mãe, destacando-a das demais vozes femininas. Com o passar do tempo, ela começa a reconhecer os sons que se repetem e, vagamente, começa a se dar conta de que certas combinações de sons se usam sempre em relação a determinados objetos, pessoas ou situações. Começa a associar determinados sons com o que vê, toca ou sente. Compreende o que as outras pessoas falam e, com o passar do tempo, a criança relaciona o som ao seu significado.

Uma criança ouvinte deve ter assimilado muitos conceitos antes de começar a falar – já experimentou diferentes intensidades, duração e frequência dos estímulos acústicos, em especial a do estímulo fala. Sua primeira palavra é uma que já ouviu muitas vezes e, quase sempre, entende o que ela quer dizer.

A dificuldade na comunicação é o problema básico da surdez, fato que preocupa pais e educadores. Com a dificuldade ou impossibilidade de aquisição da língua por meio da audição, possibilitando a comunicação, a criança surda pode apresentar um comportamento agitado e agressivo ou, ainda pior, torna-se passiva.

Surge, então, a necessidade de uma intervenção “precoce”, com a finalidade de esclarecer à família suas dúvidas a respeito do trato com o seu próprio filho, ensinar-lhe estratégias de comunicação, além de ensinar a própria criança a se comunicar, interagir e participar no seu meio familiar e social (JERUSALINSKY, 2002).

Essa intervenção deve iniciar-se no máximo até os seis (06) meses de idade. Crianças surdas diagnosticadas após essa faixa etária, ainda que até o segundo ano de vida, exibem baixo rendimento lingüístico, quando comparadas ao primeiro grupo (YOSHINAGA-ITANO, 1998).

A fim de comunicar suas necessidades, a criança surda usa gestos indicativos ou condução física do outro, pai ou mãe, até o objeto desejado, já que a deficiência auditiva não permite que a criança adquira, espontaneamente, a nomeação dos objetos trazidos pelo adulto ao seu apontar.

A criança ouvinte, a partir da nomeação, irá evoluir para compreender que a palavra sinaliza o objeto presente e, posteriormente, pode representá-lo na sua ausência. Já a criança surda é capaz de compreender as situações do dia-a-dia, a partir do contexto situacional, porém não consegue adquirir o código lingüístico usado por seu meio para representar essas relações. Podemos perceber, dessa forma, a existência da linguagem, faltando apenas a língua para que possa organizar o pensamento e assim desenvolver todo o seu processo cognitivo (TRACY, 1985).

A participação da família de forma ativa no processo de intervenção é enfatizada no relato do caso abaixo, a fim de suscitar uma reflexão sobre os resultados do modelo de estimulação “precoce” tradicional – centrado na criança, realizado no âmbito ambulatorial – e um novo modelo, centrado na família.

Relato de caso de intervenção centrada na família

Uma criança de 4,8 anos de idade, do sexo masculino, foi diagnosticada aos 16 meses como portadora de perda auditiva neurossensorial bilateral profunda, com etiologia de rubéola congênita, adquirida pela mãe no primeiro trimestre gestacional, sem diagnóstico durante a gestação, mas com sorologia confirmada na criança no primeiro ano de vida, pós-suspeita de surdez e relato materno de eczema.

A suspeição foi feita pelo pai, que notou uma diferença na produção de fala. Cita que a criança vocalizava bastante, mas não chegou a balbuciar nem a falar nenhuma palavra até a referida idade. A mãe achava, na época, que seu filho era apenas distraído.

“Note que os pais não perceberam que a criança não escutava, mas que ela não conseguia falar sequer uma palavra” (grifo nosso).

Foi realizado o exame PAETE (Potencial Auditivo Evocado de Tronco Encefálico) e confirmada a surdez, recebeu protetização bilateral, marca Phonak, modelo PPCLP2 e Terapia Fonoaudiológica semanal numa Clínica Escola Universitária por 12 meses, no município de Petrópolis.

A mãe relata que, por não perceber mudanças significativas do comportamento após a colocação dos aparelhos auditivos, procurou o serviço de intervenção precoce do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos (2,5 anos de idade), no Município do Rio de Janeiro. Refere que, após o contato com a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – seu filho passou a apresentar um comportamento muito mais tranqüilo...

“A maioria das crianças surdas no período anterior a intervenção apresentam comportamento motor agitado, algumas por orientação médica, chegam a fazer uso de medicamento, esse comportamento se transforma de forma radical quando descobrem que é possível a comunicação” (SIMONEK, 1996). Cita que até hoje tem dificuldade com os limites.

“Disciplina vem de uma palavra em latim que significa “aprender”, seu verdadeiro significado não tem nada a ver com castigar ou forçar uma criança a obedecer, ela é o meio para orientar o comportamento... as crianças aprendem muito cedo a distinguir quando se lhes fala de forma séria a fim de repreendê-las ou quando se lhes faz um elogio” (TRACY,1985).

“Entretanto nem todos os pais se utilizam das formas mais adequadas, associando por exemplo, de forma absurda, expressões faciais de riso com um ato motor de repreensão” (grifo nosso).

A mãe procurou o serviço de Implante Coclear- IC no HRAC/ USP em Bauru, mas a criança havia passado da faixa etária do protocolo do serviço. Procurou o Hospital das Clínicas em São Paulo, onde foi implantada, aos quatro anos e três meses de idade, com equipamento marca Medel, retroauricular, em 12 de julho de 2004.

Após 30 dias da cirurgia, foi realizada a ativação do IC. A mãe relata grande decepção, pois a criança não reagia sequer aos ruídos fortes da rua. (agosto 2004).

Uma semana pós-ativação, relata que a criança passou a detectar o chamado de seu próprio nome em voz alta. Nessa época, a criança apresentava ausência completa de língua oral. Sua emissão limitava-se a gritos guturais, usava somente

gestos indicativos ou condução física da mãe até o objeto desejado, o uso de Libras era rudimentar e só por parte da criança. O atendimento do INES não é integral nessa faixa etária; portanto, o contato com Libras é limitado, apesar de estar em atendimento há 1,5 ano.

Não havia, no período anterior a esse trabalho, uma comunicação efetiva entre mãe e filho – somente o atendimento a necessidades básicas, como comer ou urinar... a criança puxava a mãe o tempo todo pela mão e gritava, com agitação motora excessiva.

Não conseguia parar um só minuto para realizar as atividades propostas, tampouco prestar atenção visual ou auditiva aos estímulos apresentados.

Não havia contato visual entre mãe e filho durante a comunicação. A mãe repetia o ato do filho, puxava-o de um lado para outro, sem explicar ou antecipar as situações.

Em setembro de 2004, procurou orientação da fonoaudióloga Cristina Simonek, pois estava muito preocupada com o desempenho de fala do menor e gostaria de realizar atividades extracurriculares para acelerar o desenvolvimento da criança.

Iniciou sessões de orientação à mãe, com a frequência de uma vez por semana e duração mínima de 60 minutos, com o objetivo de ampliar a comunicação mãe-filho e a emissão oral de forma espontânea, por meio da atividade lúdica, ou seja, brincadeira.

O material utilizado como roteiro foi o livro *Vivenciando as Onomatopéias*, da Fga. Jordelina Montalvão, que apresenta uma sugestão padronizada e bem ilustrada de sons de animais e ambientais, adequada à faixa etária do menor.

Foi solicitada, à mãe, a aquisição dos bonecos representativos dos animais e das figuras do livro, para utilização e exploração de forma concreta durante as brincadeiras, que deveriam acontecer diariamente, em sua própria casa.

Segundo Piaget (1986), o desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo e gradual. Do nascimento aos dois anos, encontramos o período **sensório-motor**, em que a brincadeira da criança não é social e consiste na exploração dos objetos. Após essa fase, observa-se o período **pré-operacional**; nele, além dos esquemas sensório-motores, inicia-se a capacidade de formar esquemas simbólicos (2-7anos)".

No caso apresentado, orientamos a mãe nas atividades lúdicas domiciliares sobre a necessidade da brincadeira com os objetos concretos – prévia às figuras – como, por exemplo, no jogo da memória.

Os esquemas simbólicos, no caso, estão presentes, ainda que falte uma língua plenamente desenvolvida para organizá-los. A criança consegue dramatizar, depois de iniciadas as sessões de orientação, o seu dia-a-dia.

Exemplo: orientamos a mãe a colocar uma campainha na casa e, ao toque sonoro, chamar a atenção da criança para o som, recebendo o visitante com a saudação “oi” e o cumprimento de mão. O menor, atualmente, ao chegar ao consultório, diverte-se tocando a campainha e colocando toda a equipe do lado de fora da porta para encenar a situação. Na terceira sessão de orientação, a cena passou a ser acompanhada de emissão.

“Por volta dos três anos, surge a brincadeira do “faz de conta”, onde é possível dramatizar o seu dia-a-dia, imitando, colocando sua fantasia em algumas situações reais” (VYGOTSKY, 1988).

Neste relato, a criança surda já consegue reproduzir sua situação de vida diária. Falta-lhe a parte da fantasia, face à pouca experimentação e substrato lingüístico que possibilite o desenvolvimento completo da etapa do “faz de conta”.

Realizamos vivência com a mãe da produção visual, tátil e auditiva dos sons vocálicos e lhe ensinamos como explorá-los durante as brincadeiras, associando-os a cores e à observação da forma bucal.

Esses sons vocálicos são usados nas onomatopéias, que são os sons dos animais com os quais irá desenvolver as brincadeiras.

A mãe foi orientada que toda atividade realizada deve ser prazerosa para ambos. A brincadeira deve acontecer de forma espontânea, mas com o objetivo de desenvolver habilidades de comunicação.

Foi enfatizada, com a mãe, a importância do fluxo aéreo para a produção da fala, e ensinadas diversas brincadeiras que podem ser realizadas com o sopro. Exemplo: fazer gol com bolinhas de papel.

Após dois meses de sessão de orientação materna, visando ao desenvolvimento de habilidades de comunicação, por meio das brincadeiras mãe-filho, foi possível observar na mãe mudanças radicais em suas atitudes:

- . Ela passou a buscar o contato visual para comunicação.
- . Passou a explorar em tempo integral as situações do cotidiano para desenvolvimento de fala e linguagem.
- . Desapareceram o constrangimento e a inibição iniciais para realizar a brincadeira e a estimulação da fala em casa ou em público.
- . Houve substituição do “puxa-puxa” (condução física), para sinalização através de gestos convencionais ou não do início ou término de uma atividade. A orientação com relação aos turnos de comunicação foi reforçada durante as brincadeiras realizadas, com a antecipação de eventos.
- . O semblante da mãe passou de uma expressão pesada e triste, para leve e esperançosa, face à constatação do progresso do filho e da percepção de sua capacidade para estimulá-lo, diminuindo a sensação de impotência diante da surdez.

Com relação ao menor, foi possível observar:

- . Aparecimento das vocalizações.
- . Associação de significado às vocalizações.
- . Compreensão do uso pragmático da língua e dos parâmetros supra segmentares dos sons utilizados. A criança associa expressões faciais e corporais ricas e, atualmente, percebe e modifica a entonação. Exemplo: “ai”, o menor belisca a mãe para que ela diga: ai ! ai !
- . Diminuição significativa da agitação motora.
- . Aceitação de limites.
- . Melhor entendimento das situações vivenciadas.
- . O menor pede todos os dias a mãe para brincar com o seu “kit de brinquedos”.
- . Realiza atividades lúdicas: sensório-motoras, agrupamento, formação de conjuntos (categorização), seqüenciação, funcionalidade com e sem modelo, jogos simbólicos (imitativos), “faz de conta” e jogos com regras.

Discussão

O trabalho realizado tem como objetivo principal a orientação direta à mãe, que, por sua vez, irá, por meio da brincadeira, estimular a criança, contribuindo no crescimento e desenvolvimento do filho, tornando mais fácil a comunicação.

Vygotsky (2000) deixa claro que, nos primeiros anos de vida, o brincar é uma atividade importante, aprendida no contexto social com os pais, com os profissionais ou com crianças mais velhas como mediadoras. Constitui fonte de desenvolvimento. Numa situação imaginativa, a criança desenvolve iniciativa, internaliza as regras sociais e expressa seus desejos.

Também se faz necessária a realização da terapia fonoaudiológica convencional, cujo objetivo é o trabalho direto com a criança para o desenvolvimento da fala e da linguagem.

O trabalho de orientação realizado num curto período – dois meses – obteve excelentes resultados.

Por meio das orientações, os pais conseguem aceitar a surdez com mais facilidade, compreendendo que sua participação é fundamental para o desenvolvimento do seu filho. Após o diagnóstico, é normal que os pais se sintam perdidos, passando por um período de “luto”, no qual aparecem sentimentos de culpa, ansiedade e um grande questionamento sobre a perda auditiva. É nessa hora que se torna muito importante a orientação, mostrando à família que, apesar da surdez, a criança apresenta um grande potencial a desenvolver.

Referências Bibliográficas

CBPAI (Comitê Brasileiro de Perdas Auditivas na Infância) Recomendação 01/99. **Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia**. Brasília: CBPAI, maio/junho 2000.p.3-7.

ELKONIN, E. **Psicologia do Jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOLDFELD, M. **Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Brasileiro 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/>. Acesso em 10 de novembro de 2004.

JERUSALINSK, J. **Enquanto o Futuro não Vem – Psicanálise na Clínica Interdisciplinar do Bebê**. Salvador: Editora Ágalma, 2001.

CORRÊA, J.M. **Surdez – Os Fatores que Compõem o Método Áudio-Visual de Linguagem Oral**. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

CORRÊA, J.M. **Vivenciando as Onomatopéias**. São Paulo: Editora Atheneu, 1998.

NORTHERN, J E DOWNS, M. **Audição em Crianças**. São Paulo: Editora Manole, 1989.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TRACY, J. **Curso por Correspondência da Clínica John Tracy Para Pais de Crianças Surdas de 2 a 4 anos**. Caxias do Sul: Ed. Educus, 1985.

ROSSETTI, L. **Communication Intervention – Birth to Three**. London: Singular Publishing Group, Inc., 2000.

SEIFER, CLARK, & SAMEROFF. Apud in ROSSETTI, L. **Communication Intervention – Birth to Three**. Chapter 6. 229-237. London: Singular Publishing Group, Inc., 2000.

YOSHINAGA-ITANO,C.; SEDEY, L.; COULTER, D.K. & MEHL, L. **Language of Early and Later Identified Children with Hearing Loss**. Pediatrics, 102 (5):1161-1171,1998.

A Importância da Linguagem Corporal Expressiva da Libras

Marco Antônio Arriens*

A atuação do intérprete caracteriza o fenômeno da sua arte – parasitário ou não da arte de quem ele está interpretando e/ou traduzindo, esta arte só adquire vida ao ser realizada por ele.

Intérprete nutre-se do outro, porém é ele que, quando interpretando ou traduzindo com excelência, empresta plenitude às informações cedidas por esse outro.

É um instrumentista que usa como próprio instrumento seu corpo e/ou voz. Expressão, presença cênica, voz – tudo deve ser bem conjugado por ele para chegar aos surdos.

A interpretação sugere que ele ouve/vê, à sua maneira, uma matéria dada, e a encarna, corporifica, de acordo com a sua exegese. Ele habita e executa o *outro* através de uma pluralidade de sentidos, captada e expressa. De certa forma, se esconde por detrás do outro (real ou imaginário), apagando seu próprio eu em benefício da transmissão objetiva, clara e convincente desse outro. Ele faz sua interpretação *sui generis* com base em outra criação – a nova criação que ganha vida em cena.

Acaba por povoar o mundo com esse novo ser, cuja existência pode ter a duração do tempo de interpretação ou, melhor ainda, da memória dos surdos (quando bem interpretado).

Essa comunicação aos surdos tem, basicamente, dois caminhos. Não é suficiente saber e aprender somente como usar a Língua de Sinais mas, acima de tudo, entender os surdos – seus aspectos culturais e identitários e a riqueza da sua linguagem – e usar desses recursos.

Cada sinal (ou para um sinal) poderá ser modificado dependendo do significado que terá, poderá ser modificado com detalhes específicos para esse contexto específico.

Eles podem variar em diferentes aspectos, não só pelo contexto, mas também dependendo do público-alvo (surdos) a quem está se dirigindo. Ex.: temos o sinal convencional para cachorro e o sinal crasso; também para sexo, gordo e assim por diante.

Muitos sinais fazem sentido ancorados ao corpo e diretamente relacionados a essas partes corporais. Temos os sinais da área mental (pensar, aprender, esquecer, lembrar, burro, inteligente, bobo, idéia, sonhos), área auditiva (escutar, ouvinte, fofoca, ignorar), área oral (falar, oralizar, linguarudo, reclamar, anunciar), área emocional (coração, amor, ódio, saudade) entre outros.

* Marco Antônio Arriens
Pastor e intérprete internacional
E-mail: keiraideaf@col.psi.br

O sucesso da interpretação também dependerá da relação que o intérprete estabeleça com esse outro, subordinando-se a ele, servindo-o e utilizando-se dele.

A arte de interpretar ou traduzir da/para Libras, na maioria das vezes, tem muito a ver com a *Commedia dell'Arte* dos séculos XV ao XVII na Itália, que tinha por fundamentos a improvisação, porque o intérprete vai se tornando o próprio autor da mensagem que está interpretando/traduzindo. Ainda que o intérprete seja coibido pelo excessivo “dirigismo” do outro, ele acaba sendo a base, a essência do próprio texto.

O grande encenador russo Constantin Stanislawsky salientou a importância da técnica em qualquer atuação, falando de três bases fundamentais que podem ser utilizadas pelos intérpretes/tradutores da Libras.

1. Inteligência – capacitação.
2. Vontade-abandono do “Eu”.
3. Sentimento – emoção.

Os sentimentos verdadeiros acabam valendo nada se o intérprete não dominar os meios expressivos para que a mensagem possa chegar aos surdos.

Surge, então, uma série de domínios corpóreo-faciais necessária, que ampara o intérprete, equipando-o para que não falhe na tarefa de passar do conhecimento apenas lingüístico da Libras para a sua expressão artístico-expressiva.

Esse procedimento será a fusão do intérprete com o outro, fornecendo ao surdo espectador a ilusória possibilidade de escutar, ver e interagir com a própria personagem e não com quem a representava. O intérprete, aqui, abdica do próprio eu, em função do eu absoluto do outro, ainda que atue filtrando nos seus próprios sentimentos e cosmovisão, agindo em seu próprio nome.

Bertold Brecht preconiza aos atores o contrário (que pode em determinados momentos ser perfeitamente utilizado pelo intérprete), ou seja, mostrar a personagem e não apenas encarná-la – isso trará certa vantagem no sentido de criar cumplicidade, interação dos surdos com a interpretação, lembrando que a interpretação é sempre neutra.

Esse afastamento brechtiano do intérprete com o que está interpretando visa permitir que o intérprete não se confunda com o outro, mantendo-se, de certa maneira, imparcial.

A utilização do corpo

De certa forma, somos o nosso corpo e o corpo somos nós, porque ele acaba também por expressar quem somos. É a nossa forma de estarmos no mundo. Quanto mais vivo for o nosso corpo, mais vivamente estaremos no mundo e, conseqüentemente, nas nossas interpretações.

Nosso corpo indica a intensidade de nossa presença na interpretação. Basta ver como socialmente usamos a expressão *ninguém* para nos referirmos a uma pessoa que não nos diz nada com sua existência, e *alguém* para nos referirmos a uma pessoa que nos transmite algo.

O que sentimos também é, em geral, definido pelo nosso corpo – as emoções também são eventos corporais. Somos o total das experiências das nossas vidas, todas registradas no nosso corpo, mente e/ou espírito.

Logo, precisamos de profunda consciência corporal para descobrirmos parte do que somos e, quando necessário for, quebrar estruturas erradas e cristalizadas para podermos desenvolver a arte da boa interpretação e linguagem corporal expressiva.

Para os intérpretes, em geral, a linguagem corporal possui duas partes:

- 1) uma lida e expressa com os sinais e expressões corpóreo-faciais que transmitirão informações sobre mim e o outro que estou interpretando – origem na sensação proprioceptiva do corpo.
- 2) A outra lida e expressa através da Libras que, em muitas das vezes, por seus significados (ou significantes), também se refere a funções corporais e/ou relacionais (advindas da nossa experiência comum).

Alguns sinais (Libras) que interpretamos são, num certo sentido, extensão do corpo e dos sentimentos humanos: colher (mão), telescópio (prolongamento do olho), lobo (extensão da boca), raiva, amor, ódio, dificuldade, (*signs make sense*) etc.

Segundo Lowen, em seu livro Bioenergética: “A linguagem do corpo está repleta de expressões derivadas da consciência proprioceptiva das suas funções. Tais expressões são tão ricas em imagem e significados que nenhum estudioso pode permitir ignorá-las.”

A face é a parte corporal que sempre se apresenta abertamente para o mundo. Logo, no contato que uma pessoa faz com a outra, é a primeira parte observada. Cada parte do rosto tem sua própria linguagem corporal: olhos, sobrancelhas, bochechas, boca e queixo podem ser usados para mostrar muitos traços, qualidades, sentimentos, etc. Somente pelo olhar das pessoas podemos aferir uma gama enorme de significados e respostas.

Os ombros, braços e mãos falam por si só em nossa própria cultura ouvinte: levar as responsabilidades “no ombro”, abrir “caminhos nos cotovelos”, “mão-de-vaca”, “dei uma mãozinha” e assim por diante.

Precisamos trabalhar, treinar corpo para, então, liberar as couraças que criamos com o passar dos anos. Trabalhar exercícios de respiração, concentração, alongamento, improvisação, teatro, dança, etc. Trarão a integração corpo-mente-Libras, que desencadeia o processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, a linguagem corporal expressiva do intérprete.

Sobre o autoconhecimento, preciso citar Moshe Feldenkrais (1904 – 1984), porque durante 40 anos esse russo naturalizado israelense se dedicou ao estudo dos movimentos do corpo humano. Doutor em Física e engenheiro pela Universidade de Sorbonne de Paris, ele defendeu a idéia de que o psiquismo também está estritamente vinculado ao sistema motor. Logo, o repertório gestual de uma pessoa revela as suas emoções, que são afetadas pelo equilíbrio corporal.

Ele dizia também que usamos nosso corpo de forma inadequada e padronizada, do ponto de vista funcional. Precisamos então, segundo ele, perceber esses

comportamentos corporais cristalizados para reestruturá-los, tirando as couraças, as marcas que nos deformam e/ou nos tornam repetitivos.

Sobre equilíbrio e coordenação corporal, preciso referir-me ao mestre australiano F. Mathias Alexander (1869-1955), que criou um método (hoje chamado de Técnica Alexander) que se baseia em movimentos dirigidos pela cabeça que coordenam o restante do corpo, objetivando obter o máximo de resultados com o mínimo de esforço. É um trabalho de dissociação corporal que traz um ponto de equilíbrio, permitindo maior facilidade aos movimentos corporais. Essa técnica proporciona uma economia de movimentos e uma maior funcionalidade corporal.

Klaus Viana (uma espécie de “mago do corpo”) diz que o corpo, afinal “...é cheio de ossos que tem direções fixas e definidas e que conhecê-lo, permite que você se organize internamente, o que vai influir muito na sua vida.” Eu, parafraseando, diria que conhecê-los, influirá muito na qualidade da sua interpretação.

Esse conhecimento, do entender como os ossos se movimentam, como eles deslizam pelo corpo, fará com que você poupe o excesso de trabalho muscular e, conseqüentemente, evitará o *stress* a que muitos intérpretes são acometidos.

Língua e linguagem – não há como separar

Não podemos esperar que os surdos sejam “amestrados” ou “domesticados” para condicionarem-se a gostar de interpretações ou espetáculos que não têm nada a ver com eles. Qual ouvinte que não aprecia uma “bela oratória” dentro de seu próprio contexto?

É preciso passar por um letramento interpretativo, por ser a forma mais poderosa e útil de comunicação para as transformações sociais.

Os famosos clichês utilizados pela grande maioria dos intérpretes (mão no coração significando amor, rostos dulcíssimos para Jesus e Maria, anjos afeminados, etc.) são utilizados idealmente, sem nenhuma verificação de rituais sociais. Os clichês são convenções que não nos convencem mais.

Sabemos que as ações concretas na interpretação, o sinal em si mesmo pode ser convencional, mas a forma particular que assume em cada caso será determinada pelos rituais sociais, o contexto, que trará diferentes expressões corpóreo-faciais a cada personagem.

Não adianta apenas termos domínio da língua, da Libras, mas entender o *common-ground* (estabelecê-lo, até), por meio do saber o que vai se dizer, a quem e para que, utilizando assim da linguagem, que será bem mais convincente. O domínio apenas semântico da língua não chegará aos surdos com a eficiência que poderia - o uso pragmático é um poderoso instrumento comunicativo que precisa ser dominado e utilizado.

A interpretação chegará ao seu maior grau revolucionário quando tirar o surdo da participação passiva, como mero expectador, para uma participação inter(ativa) e produtiva deste/nesse processo. Por mais que a interpretação seja de dentro de nós, os personagens vivem para fora, por isso a inter-relação é fundamental – a união das escolas stanislawsiana e brechtiniana.

O estético

Nesse processo de comunicação expressiva de linguagem, é importante ter em mente uma verdade elementar de que nada é estético, belo ou feio em si mesmo, porque o que existe é uma comunicação estética. Podemos rir, chorar, elogiar, etc., dentro de cada situação original proposta – o contexto e a intenção é que serão a tônica determinante da expressão corpóreo-facial utilizada concomitantemente com a Libras.

A emoção

A emoção também em *si* mesma, caótica e desordenada, não vale nada no ato da interpretação. O importante, nessa emoção, sempre será o seu significado. Logo, a razão estará diretamente relacionada a essa emoção (semântica e pragmática) – “não podemos falar de emoção sem razão ou, inversamente, de razão sem emoção: uma é o caos e a outra matemática pura” (BOAL, Augusto).

A interpretação expressiva é, de certa forma, um conflito, uma luta, uma transformação, não é simplesmente uma exibição dos estados da alma, é também verbo e não simplesmente adjetivo. Logo, o fundamental, aqui, para o intérprete não é apenas o ser, mas querer – é um ato da vontade. Então, toda interpretação, por mais abstrata que seja, pode ser expressiva, sempre que se apresente na sua forma concreta, em circunstâncias específicas, em termos de vontade. Logo se estabelecerá a seguinte relação: IDÉIA + VONTADE = LINGUAGEM CORPORAL EXPRESSIVA.

Daí vem a necessidade do intérprete em sua atuação, trabalhar bem mais que outros profissionais, tanto no seu equipamento interior como no exterior, que reproduzirá com excelência os resultados do trabalho criador das suas emoções. O objetivo aqui é romper essa forma de interpretação em que apenas recordam e repetem movimentos aliados à Libras, entonações e repetições que, viciadas, são executadas sem emoção – é a atuação mecânica! Esse tipo de atuação começa onde a arte e a linguagem corporal expressiva acabam – não há mais lugar para uma interpretação viva, autêntica e única e, quando isso ocorre, passa a ser por acaso.

São as interpretações “carimbos” ou “clichês”, que são passadas de geração a geração, oferecendo aos surdos uma máscara morta do sentimento real inexistente. Caracterizam-se como emoções teatrais, uma espécie de imitação artificial da periferia dos sentimentos físicos.

A subinterpretação

Para viver esse outro corporalmente, em sua plenitude, é fundamental que o intérprete se deixe levar pela fala do outro inteiramente – tudo acontecerá de forma intuitiva e inconsciente, uma vez que, independente de sua própria vontade, o como se sente não interferirá nesse processo de linguagem corporal expressiva. O intérprete, antes de ser um seguidor de si mesmo, de doutrinas, de pessoas, de líderes como o palestrante ou o autor, entrega-se a esse alguém que não conhece. “Esse ser mágico e ainda inexistente começa a regê-lo, ganha autorização para emergir, integral, próprio, provido de regiões misteriosas” (GARCIA, Stênio).

Isso não significa criar sempre inconscientemente com a inspiração (um intérprete genial assim não existe!) A arte da linguagem corporal requer, antes de mais nada, o criar consciente e correto, porque esse será o melhor caminho para florescer o inconsciente, a inspiração.

Nem sempre interpretaremos bem ou mal, mas é fundamental que interpretemos de forma verdadeira, total, ou seja, sermos lógicos, coerentes, pensarmos, lutarmos, sentirmos e agirmos afinados com o outro.

Nosso objetivo não é apenas darmos vida à fala desse outro, mas, acima de tudo, fazermos isso de forma artística, bela e fiel ao outro. Primeiro, vivenciamos essa fala interiormente e, depois, damos a essa experiência uma encarnação exterior.

A utilização do bimodalismo, português sinalizado e *pidgin* acabou por reforçar essa subinterpretação, uma vez que a palavra em si mesma (português), em especial adjetivos, advérbios, verbos e alguns substantivos, já traz consigo os significados, as emoções. Na Libras, esse gênero de significados é acompanhado por expressões corpóreo-faciais não condizentes com a língua portuguesa. Acontece a omissão dos significados e, muitas vezes, adições de conteúdo totalmente descontextualizadas. Ex.: O intérprete é a ponte.

Também um léxico reduzido (tanto da Libras como do português) faz com que muitos intérpretes omitam os significantes.

A sobreatuação

Muitos intérpretes, tomando como base os “carimbos” e “clichês”, partem para outro extremo no uso da Libras: o exagero, a sobreatuação. O foco, aqui, acaba por ser os movimentos corpóreo-faciais e a dança em si mesmos, e não a Libras, a palavra, o que dará o significado ao texto. Acabam construindo uma nova parição de língua que não existe!

Em geral, há uma forte tendência ao exibicionismo, ao uso de expressões exageradas, que não condizem com a Libras (ultrapassam, até). Chamaria a isso uma espécie de mobilização barroca, floreada, que acaba por ser um ruído de comunicação, chamando (de forma errada) mais atenção sobre a pessoa do intérprete do que sobre o que ele está (e precisa) estar interpretando – chamaria de “gozo estético”.

São processos anafóricos exagerados, expressões faciais excessivas, movimentos de dança espaçosos, onde o intérprete se perde em seu delírio de projeção, não se preocupando com o público-alvo a quem se dirige e com o respeito pela língua que está utilizando – é a sobreatuação em sua forma mais tragicômica possível.

Quando uma interpretação carece de fundamento coerente, real, equalizado, ela se torna incapaz de prender a atenção dos surdos; pelo contrário, acaba por lhes despertar sentimentos imediatos de estranheza e, conseqüentemente, rejeição. “Enquanto que a atuação mecânica se utiliza de estereótipos elaborados para substituir os sentimentos reais, a sobreatuação, o exagero, pega as primeiras convenções humanas de ordem geral que aparecem e delas se serve sem sequer defini-las para o palco. O que se deu com você é compreensível e desculpável num principiante. Mas tenha cuidado, no futuro, pois a sobreatuação amadorística se transforma no pior tipo de atuação mecânica.” (STANISLAWSKY, Constantin – A preparação do Ator).

A essência da excelência na interpretação não está nas suas formas exteriores, mas no seu propósito determinado. Não é o sorrir por sorrir, o chorar por chorar, não é atuar de um modo geral, pela atuação em si mesma, mas interpretar sempre com um objetivo definido e claro.

Nesta temática da sobreatuação por parte de alguns intérpretes brasileiros, quero fazer um alerta e uma crítica: a Libras, pela sua beleza espetacular e pela ênfase que vem tendo por parte da mídia, tem atraído muitas pessoas sem ética, que querem apenas tirar proveito da beleza dessa língua (e/ou até mesmo da sua própria beleza) para fazer carreira e fama. Pessoas que tiram proveito da ignorância dos veículos de comunicação, do povo leigo, ignoram terrivelmente o ponto de vista da comunidade surda, do favoritismo, da política, dos falsos sucessos e de outros meios que não têm nada a ver com a cultura e a identidade surda. Esses exploradores são inimigos sagazes da Libras e dos surdos, uma vez que acabam por macular a verdadeira Libras e a sua arte de interpretação.

Precisamos ter com eles medidas mais severas e, se for impossível reformá-los, será necessário afastá-los dos nossos palcos de interpretação e da mídia. Afinal de contas, os intérpretes estão entre nós para servir à comunidade surda (e, se preciso for, fazer sacrifícios por ela) ou para explorar seus próprios objetivos pessoais?

O uso da mímica clássica na arte de interpretação corporal expressiva

“Assim que eu entrava na sala, milhares de olhos fixavam-se em mim. Como eu poderia falar a eles sem palavras? Lentamente, meu corpo, pernas, braços, mãos e pés, meu rosto, minha alma, começavam a se mover em silêncio exterior. E, com um gesto enorme, eu acariciava o espaço vazio e abraçava o mundo” (MARCEAUX, Marcel).

A arte da mímica, tornou-se conhecida como a arte do silêncio. É silenciosa, porque usa o corpo para comunicar, preferencialmente à palavra falada. A mímica procura (e usa) gestos que comuniquem a essência do pensamento e sentimento, capturando-os no tempo e espaço e lançando-os para os expectadores experimentá-los de forma nova. Cada gesto da mímica é baseado em gestos e movimentos captados da vida. Mímica não é arte da imitação; é, acima de tudo, a arte da (re)criação.

Sabemos que, excetuando o rosto, as mãos são as partes mais óbvias da comunicação corporal, em especial dos surdos. Devido a esse fato, os intérpretes precisam ter o máximo cuidado com as configurações de mãos, localizações espaciais e movimentos, na hora em que produzem a Libras, caso contrário a mensagem poderá chegar de forma totalmente equivocada. A arte da mímica nos dá, então, esse domínio maior de como usar a posição de mãos e braços de forma correta.

A mímica possibilita-nos aprender a controlar cada parte do corpo individualmente, e as suas possibilidades para o movimento. O isolamento das partes do corpo foi criado por Ettiène Decroux, que estudou estátuas de arte examinando suas posições corporais e as classificou dentro de uma “gramática de isolamentos corporais”. Esse artista francês trouxe à mímica uma estrutura organizada e deu a ela a maioria da sua gramática e regras. Ele foi o professor de Marcel Marceaux, que, por sua vez, se tornou o pai da mímica popular. “A arte da mímica... é a retratação do

ser humano em sua ânsia mais secreta. Para identificar a si mesmo com elementos que nos rodeiam, a arte da mímica faz visível e concreto o abstrato” (MARCEAUX, Marcel).

Através dessa escultura no espaço, corpo, ritmo e movimento, o espectador percebe o objeto ou a ação sendo presente. Deve-se criar a natureza desses objetos e as suas relações sensoriais, tanto em massa, como em peso e textura – esse objeto estará rico e relatado aos surdos da forma como é vivido – por isso eles não se cansarão da comunicação do intérprete, por ser essa uma linguagem extremamente expressiva e real.

A arte da mímica não é comunicação em Libras, mas sim, através dessas outras construções corporais, evoca palavras e idéias. Dessa forma, a mímica é internacional, pois é o oposto a todos os obstáculos de linguagem. Ela concretiza e produz realismo, por meio dessa nova linguagem.

Como fazer seus pensamentos e emoções visíveis através do seu corpo, face e mãos?

Já vimos que a Libras não é apenas uma língua com regras e vocabulário a ser memorizado. É também uma forma de expressar seu corpo no lugar da sua voz.

Uma das grandes bases da comunicação corporal expressiva da Libras são os nossos próprios gestos naturais. Os surdos fazem parte do mesmo mundo em que vivemos e, portanto, utilizam naturalmente os mesmos gestos da cultura geral em que estão envolvidos, as expressões que fazem parte de qualquer contexto (esse tipo de comunicação é ricamente utilizada com surdos que não sabem Libras e nem foram oralizados). Entre essas formas, as mais usuais são:

- 1) Os famosos “clichês”, estabelecidos em cada cultura e amplamente utilizados (diariamente) por ouvintes e surdos. Ex.: “tô-por-aqui”, fulano é “boa vida”, “fique esperto”, “tomara que dê tudo certo”, “juro por Deus” e assim por diante. Quando bem utilizados, produzem grandes efeitos.
- 2) Jogos que podem ser expressos pela simples ação corporal do movimento que fazem, sendo que todos eles podem acompanhar expressões faciais. Ex.: natação, corrida, basquete, pingue-pongue, arco e flecha, boxe, pescar, puxar corda, subir escada, entre outros, que acabam por ser icônicos.
- 3) Uso das mãos para realizar desenhos e idéias no ar, para formas bidimensionais:
 - a) Com o uso dos dedos de uma mão (de 1 a 5), é possível desenharmos linhas, texturas, formas, etc.
 - b) Usando as duas mãos, com os dedos é possível fazer formas mais complexas (de 1 a 5).
 - c) Para fazer com 1 ou 2 mãos, círculos, canos, buracos podemos usar desde 2 dedos até os 5 dedos unidos. Obs.: todas as possibilidades acima podem ser realizadas com expressões faciais associadas.
- 4) Uso das mãos para realizar desenhos e idéias no ar, para formas tridimensionais. Aqui, você já pode adicionar profundidade e definição maior para suas configurações de mãos. Ex.: caixas, bolas, laboratório de química, equipamentos de fábricas, uma estrada em perspectiva, com árvores ao lado, etc. Aqui é fundamental o uso das expressões faciais equivalentes.

- 5) Uso das formas tridimensionais para criar matrizes que servirão de base para o conto de histórias e estabelecer as relações entre os objetos. Ex.: a confecção de uma bengala (ação de um cego), a confecção de um balão (ação de uma criança), a confecção de um laboratório (a ação de uma pessoa bebendo um líquido proibido), a construção de um pinheirinho de Natal (para um curioso mexer), etc. Da mesma forma, aqui, impreterivelmente, devem acompanhar expressões faciais e corporais.

Os icônicos na Libras expressiva

Esse termo, utilizado também em Língua de Sinais, não significa simplesmente mímica ou gestos do acaso, porque envolve também controle e caminhos convencionais que trazem informações visuais. Eles contêm um mínimo de informações visuais necessárias para identificar o objeto, e não envolvem uma descrição visual mais prolongada. Exemplos:

- 1) Configuração de mãos icônicas para: bola, livro, caixa, casa, etc.
- 2) Traçados icônicos para: cheque, quadrado, régua, círculo, etc.
- 3) Movimentos com configurações de mãos icônicas para: maçã, banana, banho, carro, ferro de passar, etc.
- 4) Localizações espaciais icônicas para: dentro, embaixo, em cima, ao lado, etc.
- 5) Movimentos icônicos para: talvez, não, positivo, negativo (na cultura brasileira), etc.
- 6) Sinais negativos icônicos para: separação, não gostar, não entender, etc.
- 7) Pontos/direções icônicas para: aqui, eu, meu, você, lá, etc.

Conexões diretas de sinais com linguagem corporal expressiva

- 1) Sinais para alguns substantivos que são derivados da sua característica física: bola, casa, parede, porta, árvore, montanha, fogo, chuva, arco-íris, tartaruga, peixe, etc.
- 2) Sinais para alguns substantivos que são derivados da forma como se usa as mãos em relação a esses substantivos: pão, sanduíche, sopa, ovo, sorvete, banana, carro, bebê, etc.
- 3) Sinais para alguns verbos derivados de ações mímicas em relação a eles: experimentar o sabor da comida, mudar de lugar, escolher algo, empurrar, dar, nadar, pescar, lavar roupa, comer, etc.
- 4) Sinais para alguns verbos, incluindo ações mímicas e objetos gestuais: comprar, construir, desenhar, escrever no caderno, beber, cozinhar, chorar, etc.
- 5) Sinais para alguns verbos, derivados de mãos e representados diretamente por ações: colocar-se em pé, cair, pular, sentar, encontrar, fazer fila, marchar, etc.
- 6) Sinais para alguns verbos derivados da relação das mãos com o movimento dos olhos: surpreender, ler, ver, espiar, etc.

- 7) Sinais para alguns substantivos abstratos representados por ações ou objetos visíveis: tempo, passado, futuro, minuto, noite, ano, verão, inverno, etc.
- 8) Sinais para alguns adjetivos e antônimos representados por objetos e ações visíveis: pequeno, grande, pesado, leve, macio, claro, escuro, frio, quente, magro, gordo, alegre, triste, bravo, medroso, etc.
- 9) Sinais para alguns verbos relacionados a atividades mentais que são representados por ações ou objetos visíveis: pensar, esquecer, sonhar, (dormindo e acordado) inventar, saber, etc.
- 10) Sinais para alguns substantivos e verbos utilizando dois ou mais sinais diferentes, que são representados por objetos ou ações visíveis: concordar (pensar + igual), jantar (comer + noite), amamentar (bebê + mamar), temporal (chuva + raios), etc.

Quando vemos, enfim, um intérprete fazendo um uso fluente da Libras, podemos concluir que o todo da pessoa está envolvido. Expressão facial, corporal, movimentos, contato visual, que fluem concomitantemente aos movimentos próprios dos “sinais-tudo”.

Desenvolvendo seu *story-board* final

Para criar cenários interpretativos no desenrolar de uma história, você precisa seguir passos fundamentais que facilitem a compreensão por parte dos surdos.

- 1) Partir do *macro-design*, estabelecendo o(os) lugar(es) onde a história chegará.
Ex: dormitório.
- 2) Montar agora um *microdesign*, determinar os lugares certos nos campos anafóricos dos objetos principais desse cenário, mantendo-os sempre no mesmo lugar. Cuidado para não colocar um em cima do outro! Ex.: dormitório, paredes, porta, janela, teto, ventilador de teto, cama, etc. Obs.: Somente com uma pequena modificação nas mãos e faces dá para comunicar diferenças em um mesmo objeto. Ex.: água calma, agitada, revolta, cascata, suja, etc.
- 3) Após o *macro* e *microdesign* prontos, agora é o momento de colocar em cena a ação, a relação entre pessoas e objetos. É importante lembrar que, antes de começar a ação, é fundamental fazer o sinal dos objetos que serão utilizados na história. Ex.: A história de Zaqueu; Moisés em frente ao mar.
- 4) Para fazer, finalmente, sua história, *story-board*, pode-se utilizar todos os recursos acima, além dos processos anafóricos, classificadores, construções ideárias e tátil, mímica, campos anafóricos, etc. Ex.: A linha do tempo, da criação a 2005, e os fatos, o tempo de cada época.

Interpretando com coerência e excelência

Interpretar com coerência e excelência é dar vida àquilo que se oculta por detrás do texto do outro. É apresentarmos de forma clara, inteligível e criativa as intenções, os objetivos, as relações entre os personagens, os pensamentos, as idéias, etc. do outro. Elaborar todo esse material, enriquecendo-o com nossa

própria imaginação e linguagem corpóreo-facial, mantendo-nos eticamente fiéis a esse outro.

O outro passa a ser parte de/em nós mental, emocional, física e até espiritualmente. O contato real com as emoções do outro e com as do próprio intérprete, a compreensão, equalização e uso correto de todo esse processo lingüístico expressivo trará como resultado uma comunicação extremamente convincente e produtiva.

O intérprete deve se valer muito mais da arte, do teatro de improvisação, uma vez que, necessariamente, não precisa ser um ator profissional. Para isso, indico técnicas, cursos e exercícios da *Commédia Dell'Arte*, *Clown*, *Mímica Clássica*, *Physical Theatre*, *Pantomima*, entre outros. “No teatro de improvisação, por exemplo, onde pouco ou quase nenhum material de cena, figurino ou cenários são usados, o ator aprende que a realidade do palco deve ter espaço, textura, profundidade e substância, isto é, realidade física. É a criação dessa realidade, a partir do nada, por assim dizer, que torna possível dar o primeiro passo em direção àquilo que está mais além” (VIOLA, Spolin).

O intérprete deve ter, basicamente, enquanto atua, o seu POC e POA:

POC – Ponto de Concentração no outro, na fala, intenções de quem está interpretando/traduzindo.

POA – Ponto de Atenção no seu interior, na Libras que está utilizando, na sua linguagem corpóreo-facial expressiva e, acima de tudo, no público a que está se dirigindo.

No uso do POA (Ponto de Atenção), são fundamentais a chamada “construção ideária” (o uso dos olhos referenciando-se, pontuando sinais e situações específicas) e o “contato visual” com os surdos, uma vez que eles olham para os nossos olhos e/ou para onde estamos olhando – o nosso olhar é a indicação de o que os surdos também devem olhar. O olhar vago e perdido permitirá que, imediatamente, o surdo perca a atenção e interesse sobre o intérprete e sua atuação.

Todos os objetos imaginados e criados nos campos anafóricos (construção tátil) e processos anafóricos (*shifting* ou *role-play*) exigem um poder de concentração extremos para serem utilizados e mantidos nos lugares corretos, para que os surdos compreendam claramente os textos e a relação entre esses personagens.

Quanto mais minuciosas forem as situações a serem descritas (um mapeamento de bairro, por exemplo), mais exigirão precisão, domínio e consciência corporal, clareza e qualidade plástica. Nesse momento, o intérprete deve ater-se não na infinidade dos detalhes, mas nas unidades importantes que, através dos sinais, tato, configuração de mãos, classificadores, etc., demarcam o(os) canal(is) para ele (e para os surdos espectadores) e conservam na linha criadora e expressiva correta. Essas unidades menores são utilizadas para o manejo do objetivo final – elas devem se fundir sempre com as unidades maiores, com o objetivo final. Não se deve decompor uma explicação mais do que o necessário (comunicação total) e nem usar esses detalhes como guias. Criem canais, sistemas de classificação, esboços delineados por divisões amplas (economia na Libras), que preencham todas as idéias menores que precisam ser explicadas. Descubram e apresentem o cerne da fala do outro e depois os pontos principais ligados e esse eixo central. Ex.: uma régua cronológica na linha do tempo.

Os objetivos corretos da excelência na interpretação devem ser:

- 1) Fazer com que a mensagem realmente possa chegar aos surdos e os tirar de uma posição passiva em relação às falas do outro.
- 2) Ainda que pessoais, ser sempre fiel ao texto do outro que está sendo interpretado.
- 3) Ser criador e artístico, dando vida e plasticidade a estes textos.
- 4) Ser verdadeiro, enquanto interpretando, pois se o próprio intérprete não se entrega e vivencia o que está interpretando, tampouco os surdos o farão.
- 5) Ter uma qualidade corporal expressiva suficiente para atrair os surdos, levando-os à tomada de atitudes, opiniões, posições, mudanças, questionamentos, buscas, etc.
- 6) Claramente definido (visualmente compreensível) e coerente com o outro que está sendo interpretado (nem sub ou sobreinterpretação), manter o mesmo registro lingüístico e conteúdo do outro.
- 7) Sempre inter(ativo), mantendo uma interpretação dinâmica e prazerosa de ser vista.

O objetivo do intérprete deve ser aplicar uma temática com excelência, mesmo que improvisada, para fazer da fala do outro uma realidade compreensível. Em cada segundo, durante o ato interpretativo, o intérprete deve estar consciente de todas as circunstâncias internas e externas em que está envolvido, a fim de ilustrar de forma correta, coerente, a fala do outro. Nesses *frames* de interpretação, nesse *story-board*, se formará uma série ininterrupta de ricas imagens, como se fosse um filme cinematográfico para os surdos. Sua função seria cumprir a função de preencher o que possa estar ausente na palavra em si mesma (mantendo-se sempre coerente ao texto).

Enquanto a atuação do intérprete for extremamente criativa e expressiva, essa tela se projetará na visão interior do surdo, tornando vívidas e possíveis as verdades e circunstâncias pelas quais o intérprete está transitando. Seguramente o surdo sairá da situação passiva; é o seu próprio letramento.

Referências Bibliográficas

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e Jogos para o Ator e Não Ator com Vontade de Dizer Algo através do Teatro**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

EASTMAN, Gilbert C. **From Mime to Sign**. Silver Spring: T.J.Publishers, 1989.

FARLEY, Todd. **The Mastery of Mimodrame: An In-Depth Study of Mime Techniques**. Califórnia: Garden Grove, 1988.

FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo Movimento**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1977.

GARCIA, Stênio. **Curso Intensivo de Interpretação para Teatro e Cinema com Stênio Garcia**. Curitiba: Socipar, 1990.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 1982.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao Teatro**. São Paulo: Burity, 1965.

SMITH, Cath. **Signs Make Sense – a Guide to British Sign Language**. Human horizon series. London: A Condor Book Souvenir Press, 1990.

SOLOW, Sharon Neumann. **Sign Language Interpreting: a Basic Guide Resource Book**. Silver Spring: National Association of the Deaf, 1993.

SPOLIN, Viola. **Improvisações para Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

STANISLAWSKY, Constantin. **A Preparação do Ator**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Peculiaridades do desenvolvimento cognitivo da criança surda

*Dra. Anangélica Moraes Gomes**

Reflexões a partir da psicologia de Vygotsky e da ciência cognitiva contemporânea.

Só com linguagem simbólica é possível operar funções mentais superiores. O atraso na aquisição de linguagem produz retardo no desenvolvimento cognitivo. A existência de uma língua – com as mesmas propriedades das várias outras línguas humanas – faz daqueles que usam Sinal membros de uma comunidade cultural distinta. Em nível cortical, Sinal produz uma organização funcional atípica. Na construção da mediação simbólica que permite o pensamento lógico abstrato, Sinal é tão eficiente quanto fala. O completo desenvolvimento biopsicossocial depende de atenção integral à criança: as influências do meio e a adequada estimulação são capazes de superar mesmo as mais severas deficiências físicas e/ou mentais. A peculiaridade do desenvolvimento cognitivo da criança surda é o somatório de exclusões: das vivências lingüística, social, econômica e escolar.

Teoria da mente e do desenvolvimento cognitivo

No início do século 21, com o grande avanço da Ciência Cognitiva nas pesquisas da Década do Cérebro (1990-2000), modelos do cérebro e do pensamento humanos apresentam bases multidisciplinares (neurais, lingüísticas, filosóficas, matemáticas, psicológicas, etc.) para uma teoria da mente aplicável a diversas áreas do conhecimento. Esses modelos concentram-se na mente com funções desenvolvidas do adulto, não sendo aplicáveis por correlação direta ao cérebro em desenvolvimento, às funções em internalização e à mente em formação da criança (GOMES, 2005, p. 45-6, 63-112).

Nesse contexto, investigar as peculiaridades do desenvolvimento cognitivo da criança surda produz mais perguntas que respostas, que, no seu cerne, são as mesmas que surgem em relação às crianças ouvintes, e podem ser resumidas em uma questão: como acontece a ontogênese da cognição?

Dito de outra forma, significa buscar na história de cada um a marca da sua diferença em relação aos outros humanos. Isso gera outras interrogações. Por que somos assim, indivíduos únicos com nossos comportamentos singulares? Como nos tornamos humanos? Como instalamos sistemas operacionais cerebrais, implementamos programas e dominamos novas linguagens, construindo a mente a

* Médica. Autora do livro: *Criança em Desenvolvimento, Cérebro, Cognição e Comportamento*.
Contato: (21) 2557-7270

partir do cérebro para controlar nosso próprio comportamento de modo consciente? Como interagimos com os meios natural e cultural, construindo uma representação mental simbólica do mundo? Como decodificamos o mundo? Como aprendemos a aprender?

Vygotsky, linguagem e pensamento

A psicologia instrumental de Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934), ao descrever as bases biológicas e culturais da cognição humana e desvendar as relações entre fala e pensamento, propõe uma “formação social da mente”, que orienta a investigação da construção da capacidade de aprender a aprender pela criança como uma experiência sócio-histórica.

Para ele, o organismo humano é um complexo biopsicossocial que, durante o desenvolvimento, realiza interações entre maturação e aprendizagem, produzindo a cognição como uma construção resultante das interações do aparato biológico com o meio circundante físico e social e, particularmente, com a linguagem, e que se modela e se expressa na ação do indivíduo no mundo. O cérebro é moldável, possui plasticidade e durante a infância acontece a “formação social da mente”, fortemente influenciada pela ordenação lógica simbólica que a fala produz sobre a atividade cognitiva, permitindo comportamentos cada vez mais sofisticados (VYGOTSKY, 1988, 1989; GOMES, 2005).

Na sua teoria sócio-histórica, a aprendizagem de formas de atividade especificamente humanas é um processo que depende da mediação de um humano representante da cultura que apresente o mundo à criança, favorecendo a internalização de novos procedimentos em zona de desenvolvimento proximal e propiciando a aprendizagem significativa por experiência na atividade, mediada pelos signos abstratos das palavras (VYGOTSKY, 1988, 1989; GOMES, 2005).

A linguagem é uma construção cultural da humanidade na filogênese como na ontogênese, e resulta da interação entre o cérebro e o ambiente social, mediada por um outro indivíduo, constituindo-se num instrumento/ferramenta para a decodificação do mundo, um ganho evolutivo que confere uma capacidade adaptativa sem par em qualquer outra espécie. A cultura criou sistemas de símbolos significativos que fazem os humanos diferentes dos animais: a linguagem é o instrumento para ingressar na condição e na cultura humanas.

Transitar das percepções sensoriais às idéias abstratas exige linguagem tanto – termo utilizado por Oliver Sacks para designar a linguagem de sinais – serve à comunicação, organiza o pensamento e a atividade mental e constrói uma cultura, uma comunidade lingüística peculiar tanto quanto a dos japoneses ou a dos tupi-guarani. Do mesmo modo que diferentes culturas possuem idiomas distintos, Sinal é peculiar a cada nação de surdos.

Durante o desenvolvimento, a criança ouvinte adquire inconscientemente informações lingüísticas que produzem aprendizagem aleatória pelo uso cotidiano das palavras que, ao nomearem os objetos e fenômenos, ajudam a organizar a cognição sobre o seu meio circundante. A privação de informações faz a criança surda parecer mentalmente deficiente. A falta de acesso a um código simbólico mantém a atividade cognitiva orientada pelo primeiro sistema de sinalização da

realidade, sinais físicos percebidos pelos analisadores dos órgãos dos sentidos produzindo um pensamento concreto, de construção, baseado nas experiências sensoriais.

Inúmeros relatos de privação de linguagem nos primeiros anos de vida, quer por questões orgânicas ou sociais (Kaspar Hauser, O menino selvagem de Aveyron, Genie, Helen Keller, Laura Bridgeman, Jean Massieu, Ildefonso, Joseph, Serguei Sirotkin, Iura Lerner, Sacha Suvorov, Natasha Korneeva, Emília, etc.) demonstram que, quando estas “crianças selvagens” são expostas à interação com outro indivíduo através de um contexto de relações sociais para a comunicação das necessidades, acontece o desenvolvimento da mente traduzido na “passagem do gesto à palavra e ao conceito”.

As crianças surdas pré-linguais apresentam peculiaridades em relação às surdas pós-linguais que já adquiriram pronúncia, sintaxe, inflexão e vocabulário e podem realizar a transferência transmodal da experiência auditiva. Dessa forma, tão importante quanto o grau de surdez (desde audição deficiente à surdez profunda) é a idade em que ela ocorre na determinação da menor ou maior dificuldade na aquisição de uma linguagem falada.

A partir dos três meses de idade, tanto bebês ouvintes quanto surdos já apresentam capacidade comunicativa no sentido de decodificar sinais significativos da linguagem impressiva, para uns, auditiva, para outros, visual. A “janela de oportunidade” (período crítico) para a aquisição da linguagem se amplia a partir dos 2 anos (grande aumento de formação de sinapses) e começa a se estreitar por volta da puberdade (poda sináptica). A idade de aquisição de Sinal tanto quanto de fala interfere na fluência e na gramática e, quando acontece após os cinco anos de vida, implica perda de aptidão gramatical. Se, após o período crítico, o hemisfério esquerdo não consegue alcançar a dominância na operação das informações, a linguagem permanece como “fala do hemisfério direito isolado”.

Essa “fala do hemisfério direito isolado” permite relações referenciais concretas (sintagmas de comunicação de eventos), produzindo um pensamento narrativo distinto do pensamento conceitual, que opera relações inferenciais paradigmáticas lógicas (sintagmas de comunicação de relações). A aquisição de linguagem altera o desenvolvimento mental, influenciando a especialização cerebral ao transformar a atividade cognitiva do modo experiencial e holístico do hemisfério direito para o modo codificado e analítico do hemisfério esquerdo (SACKS, 1990, p.125, 128; GOMES, 2005, p.149-184).

Aos dezoito meses de vida, os bebês surdos já apresentam orientação hipervisual, quando precocemente expostos a uma “conversa de bebê” com seus pais, em termos visuais e gesticulares. É possível pensamento sem fala, mas limitado à percepção literal e imediata, sem alcançar o plano simbólico.

Tanto Sinal quanto fala são criações histórico-culturais: em ambos, a nomeação (a aplicação de um Sinal ou uma palavra a um objeto) é a base para a generalização conceitual que permite o pensamento dedutivo e analítico, ou, nos termos de Hurlings Jackson, a construção de proposições, abrindo as portas para a compreensão do sentido e do significado do mundo. Tanto fala como Sinal precisam se associar a significados, e isso acontece de forma intensa entre o segundo e o terceiro ano de vida, constituindo a base para a formação de conceitos.

Sinal é língua

Sinal é a língua natural do surdo e, no aspecto funcional, é igual à fala para o ouvinte: possui sintaxe, gramática e semântica completas, permitindo desenvolver a expressão de emoções e articulação de idéias.

Os símbolos servem para fixar e combinar idéias, mas os signos da fala não são os únicos que apresentam esta propriedade, como se pode observar a partir de 1755, com o abade De L'Épée e o seu sistema de sinais metódicos associados a imagens e palavras escritas.

Nos anos 1960, William Stokoe, Dorothy Casterline e Carl Cruneberg demonstraram que Sinal é um sistema lingüístico complexo, com léxico, sintaxe e gramática espacial, tridimensionais. Existe uma estrutura profunda, uma "gramática generativa especial e espacial" latente no cérebro, que é despertada pelo uso de Sinal. Os complexos esquemas espaciais de Sinal fazem com que os objetos e fenômenos estejam situados em um cenário esquemático de relações e localizações específicas que constituem sua gramática própria, distinta daquela das línguas orais: os surdos fazem um uso lingüístico do espaço (SACKS, 1990, p.90-3).

A linguagem oral é caracteristicamente sucessiva e temporal, enquanto Sinal é uma linguagem cinematográfica pictórica, onde o sinalizador projeta imagens e dirige o campo de visão e ângulo da cena, transitando do close para o plano aberto, sendo ao mesmo tempo léxica, gramatical e seqüencial (hemisfério esquerdo) e sincrônica espacial (hemisfério direito). Só por volta de 1978, é detectada a complexa função temporal de Sinal análoga à da música ou da fala, que a faz a única "linguagem em quatro dimensões".

"A fala só tem uma dimensão – sua extensão no tempo; a escrita tem duas dimensões; modelos têm três; mas apenas as linguagens sinalizadas têm à sua disposição quatro dimensões – as três dimensões espaciais acessíveis ao corpo de um sinalizador e mais a dimensão do tempo. E Sinal explora plenamente as possibilidades sintáticas em seu canal de expressão quadridimensional" (Stokoe em SACKS, 1990, p.106).

Desenvolvimento cognitivo e surdez

A aquisição da gramática de Sinal acontece do mesmo modo que a aquisição da gramática da fala na criança ouvinte, numa idade proporcional à precocidade de sua exposição a Sinal. A internalização da linguagem não apresenta diferenças significativas, quer a criança seja surda ou ouvinte, desde que seja exposta a estímulos adequados (visuais para surdos e auditivos para ouvintes): de externa/comunicativa para egocêntrica e depois interna/reflexiva. O mundo perceptual se transforma, assim, em mundo conceitual.

Nos anos de 1980, demonstrou-se que crianças surdas expostas a formas sinalizadas de inglês tendem a inovar para Sinal, e que crianças ouvintes que adquirem Sinal melhoram a leitura por aumento da capacidade de reconhecer formas de palavras e letras. Projetos implantados na Venezuela e no Uruguai, em 1989, com creches para crianças surdas com cuidadores sinalizadores surdos adultos e em escolas de Primeiro Grau, com instrução bilíngüe, apontam não ser necessária escala intermediária de comunicação total entre educação oral e bilíngüe (SACKS, 1990, p.165).

A formulação de perguntas, no entanto, é uma deficiência lingüística bastante disseminada entre crianças surdas, mesmo com alguma competência em Sinal, sendo substituída por frases incompletas com espaços vagos a serem preenchidos.

“O cérebro dos japoneses não possui uma organização diferente da do cérebro dos ocidentais. Quando, porém, interage com o mundo de estímulos da sua cultura (a música, os tipos de escrita, etc.), o cérebro aciona, então, uma dinâmica funcional específica” (MECACCI 1986, p.41).

Algumas similaridades entre Kanji e Sinal (modo impressivo visual e signos não alfabéticos) levam a indagar: se o sistema “kanji” possui cerca de 50 mil caracteres, deve-se supor que Sinal deve alcançar esta amplitude para assumir de forma completa a função de instrumento do pensamento conceitual?

Estudos têm demonstrado que Sinal é processado em hemisfério esquerdo e que os surdos tanto quanto os ouvintes têm dominância hemisférica esquerda. Para processar Sinal, é preciso a participação intensa de lobo parietal esquerdo, que constrói um espaço lingüístico diferenciado do espaço topográfico estruturado pelo córtex parietal direito (BELLUGI, 1970; DAMÁSIO, 1986; NEVILLE, 1988 em SACKS, 1990).

Considerando o que acontece nos cérebros dos japoneses que processam o sistema “kanji” (ideogramas não-alfabéticos) no hemisfério direito, pode-se supor que o processamento de formas visuais complexas que constituem Sinal estimula o hemisfério direito de modo peculiar.

Desde que o hemisfério direito seja estimulado de modo diferenciado em crianças que usam Sinal, encontrar-se-iam desenhos mais complexos em crianças surdas que em ouvintes da mesma idade? Como existe uma relação entre a especialização hemisférica e a dominância da mão – alta incidência de sinistrose entre artistas plásticos, arquitetos, esgrimistas e tenistas – observa-se mais canhotos entre surdos que adquirem Sinal antes dos cinco anos?

Desse modo, a investigação das peculiaridades do desenvolvimento cognitivo da criança surda sugere que ele deve ser encarado como o atraso de linguagem na criança ouvinte, pois à medida que adquire um sistema simbólico de organização do pensamento, seu desenvolvimento mental não parece ter limites.

“O deficiente é estudado em relação às suas funções sensoriais e motoras específicas, à sua organização cerebral particular, às estratégias de pensamento que desenvolveram para superar suas deficiências” (MECACCI, 1987, p.117).

Esta vertente da neuropsicologia russa é bem expressa nos trabalhos de A.B. Kogam, que evidenciam presença de formas específicas de atividades cerebrais em cegos-surdos-mudos que não são encontradas nos sujeitos de controle. Portadores da síndrome de Down e autistas têm demonstrado, mais que a deficiência, a grande potencialidade do cérebro humano, que, por sua plasticidade, é capaz de construir, pela experiência na atividade, sistemas funcionais especializados capazes de desempenhos semelhantes a indivíduos controle nas testagens.

Vários estudos encontram freqüente associação entre déficit verbal e bom raciocínio espacial e/ou matemático em: crianças que começam a falar tardiamente; matemáticos de alto nível e inventores que tiveram problemas com leitura e escrita mais que a média das crianças; artistas visuais que tendem a cometer mais erros na

ortografia e na soletração não fonética; “savants” que podem ter uma ou mais aptidões de prodígio; indivíduos com gagueira, dislexia, ambidestria ou sinistrose etc. Isto sugere uma organização cerebral atípica e reforça a idéia de que um sistema simbólico de qualquer ordem é capaz de organizar a atividade mental e produzir desempenhos excepcionais (WINNER, 2005, p.33-5).

O processamento de Sinal produz aumento dos potenciais evocados bilateralmente em córtex occipital e maior velocidade de reação a estímulos visuais, fazendo com que o surdo capture informação a partir dos mais tênues indícios visuais. O aumento de potenciais evocados por Sinal em córtex temporal esquerdo sugere redistribuição de áreas auditivas para integrar circuitos de processamento visual, graças à plasticidade neuronal. Essa organização cerebral diferenciada explica porque as crianças surdas apresentam melhor desempenho nos testes visuais-espaciais, na organização espacial, no reconhecimento visual e na decodificação de variações sutis de expressão facial que as crianças ouvintes.

Isto permite uma abordagem radical, no sentido de considerar as peculiaridades da criança surda como sujeito sócio-histórico, mais que suas limitações, e conduzir o seu processo de desenvolvimento seguindo as etapas de internalização que adotamos para acompanhar o desenvolvimento da criança ouvinte.

Educar, na infância, deve compreender o brincar e a aprendizagem como o trabalho da criança na construção da mente e na formação da pessoa, valorizando o aspecto lúdico das atividades. A tarefa cognitiva da criança, na primeira infância, é adquirir as bases para a construção da mediação simbólica. Este é o grande desafio da pré-escola: instrumentalizar a criança, surda ou ouvinte, para o domínio do código lingüístico, seja fala ou Sinal.

“A língua de sinais, como uma primeira língua, é essencial para que o surdo, vendo-se a si mesmo, possa enxergar o outro, o ouvinte e, enxergando o outro, possa adentrar no mundo da linguagem escrita desse, de forma mais apropriada. A língua de sinais pode, assim, ser representada como a porta de entrada que dará acesso ao entendimento da cultura de um grupo, (...) da cultura surda”(DORZIAT e FIGUEIREDO, 2003, p.36, 38).

Ser surdo significa exercitar a cidadania para garantir a igualdade de oportunidades e a orientação específica para o pleno desenvolvimento cognitivo. Para ser o sujeito desejante e ativo que essa postura exige, é fundamental a construção da consciência, que começa quando o recém-nascido mergulha no mundo dos sinais significativos que orientam a sobrevivência, no mundo físico e social. O bebê surdo deve ser imerso em Sinal, mas a realidade é que a primeira avaliação auditiva é realizada em média aos quatro anos e meio de idade. Mais grave ainda é que, após o diagnóstico, muitas famílias não conseguem realizar as intervenções prescritas (treinamento em Sinal, escola especial, terapias complementares, próteses etc) por determinantes socio-econômico-culturais, condenando as crianças a um atraso irreversível no desenvolvimento cognitivo.

A peculiaridade do desenvolvimento cognitivo da criança surda é o somatório de exclusões: a exclusão da vivência lingüística por não interagir com o mundo sonoro produz a progressiva exclusão social que, em um número enorme de casos, se associa à exclusão econômica e à exclusão escolar.

Tanto quanto para os superdotados, o desenvolvimento cognitivo de todas as crianças com ou sem deficiências físicas ou mentais depende de que lhes sejam oferecidos os estímulos e as oportunidades adequadas. Só isto poderá livrar as crianças das várias formas de exclusão.

Parafraseando Helen Keller, “todas as coisas devem ter um Sinal para que cada Sinal faça nascer um novo pensamento”.

Referências Bibliográficas

DORZIAT, A. & FIGUEIREDO, M.J. Problematizando o ensino de Língua Portuguesa na Educação de Surdos. **Espaço:** Informativo Técnico-Científico do INES, nº18/19 (dez.2002-jul.2003). Rio de Janeiro: INES, 2003.

GOMES, Anangélica Moraes. **A Criança em Desenvolvimento: Cérebro, Cognição e Comportamento.** Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Desenvolvimento Cognitivo.** São Paulo: Ícone, 1990.

_____ & YUDOVICH, F.I. **Linguagem e Desenvolvimento Intelectual na Criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

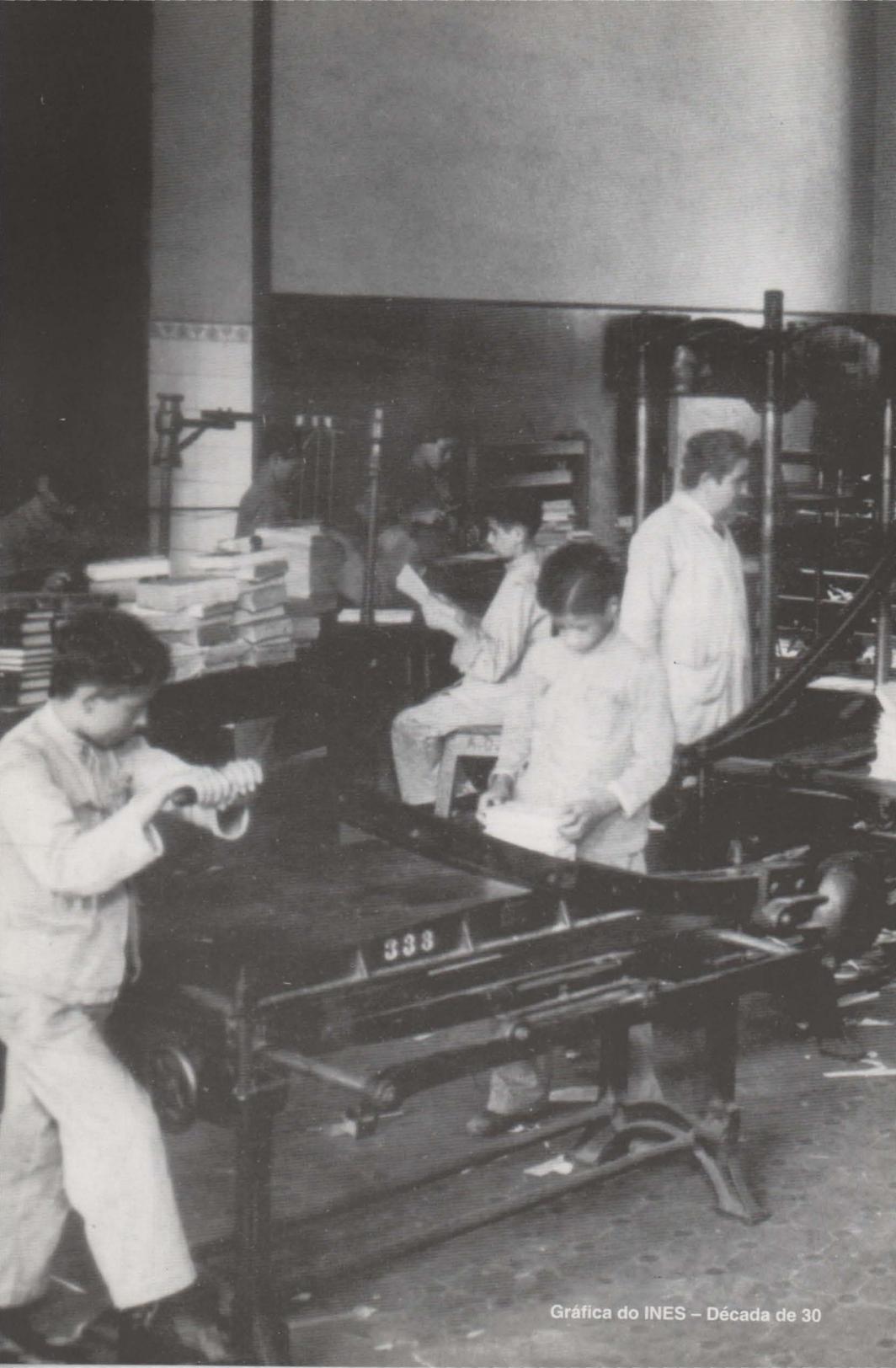
MECACCI, Luciano. **Conhecendo o Cérebro.** São Paulo: Nobel, 1987.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____ **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNER, Ellen. Raros Talentos. In: **Viver Mente Cérebro.** nº1 - Especial Inteligência. ISSN 1807-9431. São Paulo: Ediouro, 2005.



Gráfica do INES – Década de 30

Realização

INES

Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Secretaria
de Educação
Especial

Ministério
da Educação

